

Brasil investiga tiros na fronteira colombiana

Ministro da Defesa diz não ser possível confirmar se Exército enfrentou membros das Farc em rio brasileiro

• BRASÍLIA. O ministro da Defesa, Geraldo Quintão, disse ontem não ser possível confirmar, por enquanto, se o grupo que em 26 de fevereiro trocou tiros com militares do Exército brasileiro no Rio Apapóris, na região de fronteira com a Colômbia, era formado por guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). O Exército informou que abriu um inquérito policial militar para esclarecer o caso, mas ainda não tem dados precisos.

Em 26 de fevereiro, cinco pessoas que viajavam num barco civil no Rio Apapóris recusaram-se a se submeter à fiscalização do 3º Pelotão Especial de Fronteira, com sede em Vila Bittencourt, no Amazonas. Ao tentarem escapar, atiraram nos militares, que reagiram também com disparos. O barco afundou e os cinco homens desapareceram. As informações foram divulgadas em nota oficial do Exército na noite de terça-feira.

— Não sabemos quem são as pessoas que estavam no barco. Podem até ser contrabandistas — disse Quintão.

Membros das Farc teriam agredido índios brasileiros

O ministro disse que a região de fronteira com a Colômbia está controlada.

— Não há risco. Foi um caso esporádico. Nunca tivemos qualquer confronto direto com guerrilheiros — afirmou.

Na região, existe a suspeita de que o grupo que entrou em confronto com o Exército seja o mesmo que teria, há semanas, agredido índios brasileiros de uma tribo na fronteira com a Colômbia. Integrantes das Farc teriam chegado à aldeia armados, aterrorizando os moradores. Por enquanto, segundo o Exército, não há confirmação sobre a ligação entre os dois casos.

O Comando do Exército informou ontem que já intensifi-



UM GERADOR à porta do restaurante em Florencia: cortes de energia

cara as ações de vigilância na região amazônica por causa da situação de conflito na Colômbia, onde o governo rompeu as negociações de paz com as Farc. A segurança é maior ao longo dos rios da região, para impedir a aproximação de grupos suspeitos. O Exército também reforçou a segurança com operações na Amazônia.

Fernando Henrique expressa apoio a Pastrana

Na Cidade do Panamá, o presidente Fernando Henrique Cardoso demonstrou ontem apoio ao presidente da Colômbia, Andrés Pastrana. Disse

que na luta contra o crime organizado a democracia é um importante trunfo, por favorecer a mais ampla convergência de instâncias públicas e privadas contra um inimigo que representa uma verdadeira ameaça à coesão das sociedades nacionais.

— Não há como transigir os atos de abominável violência cometidos pelas Farc. O Brasil espera que o governo colombiano reassuma a soberania plena de seu território e possa firmar as bases de uma paz sólida e duradoura — disse o presidente, ao discursar na Assembléia Legislativa do Panamá. ■

Uma cidade refém da guerrilha

Florencia implora ajuda do governo e compaixão das Farc.

José Meirelles Passos

Enviado especial

• FLORENCIA, Colômbia. O calor costuma ser incessante: 35 graus à sombra nesta época do ano. E agora está mais difícil suportá-lo: os ventiladores de teto, instalados em restaurantes, lojas e casas, estão parados. Não há gelo. Os poucos aparelhos de ar-condicionado na capital do departamento de Caquetá, um dos mais pobres do país, estão inertes. Os produtos perecíveis apodrecem, e há dez dias não chegam outros tipos de alimentos: quatro pontes que dão acesso a Florencia foram dinamitadas pelos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

Duas torres de eletricidade foram destruídas. As escolas tiveram de suspender as aulas, devido à escassez de água. Sem energia, as bombas de abastecimento funcionam apenas esporadicamente, movidas por geradores a diesel. O combustível é administrado com extrema precaução, pois o estoque está chegando ao fim. O de gás também é mínimo.

Florencia, com 123 mil habitantes, está há dez dias isolada do restante do país. Está sitiada pela guerrilha embora, ironicamente, seja um dos municípios mais militarizados do país: sedia cinco batalhões e o comando da XII Brigada do Exército.

— Nós todos nos sentimos como reféns neste momento — disse, desconsolado, o prefeito Álvaro Pacheco.

A explosão de uma torre da companhia telefônica cortou as comunicações. Só funcionam os celulares, enquanto durarem as baterias. As emissoras de rádio reduziram a programação a duas horas diárias, e só as sintoniza quem possui rádio de pilhas ou tenha adquirido um gerador. A habitual sinfonia de buzinas dos automóveis na cidade foi substituída pelo zumbido constante dos geradores na porta das lojas e restaurantes. A maioria das casas tem sido iluminada com velas.

A 20 quilômetros do centro, soldados protegem 50 caminhões estancados há dias à beira de uma das quatro pontes destruídas na sinuosa estrada que liga San Vicente del Caguán a Florencia. Eles estão impossibilitados de chegar à capital e tampouco podem retroceder, pois as Farc também dinamitaram uma

ponte em sua retaguarda — além de ameaçar incendiar os caminhões que trafegarem pelo caminho. Os motoristas têm sobrevivido com os alimentos que levavam para Florencia.

Há uma semana o governo colombiano enviou 60 toneladas de alimentos em cargueiros da Força Aérea. Mas eles já desapareceram das prateleiras, apesar de os distribuidores terem duplicado os preços. Restam apenas ovos, goiabas, mangas e outras frutas da região.

A pecuária e o comércio são as principais atividades da região. O desemprego é alto (16%). A presença das Farc nos últimos três anos e meio anos contribuiu para o aumento das vendas. O peso do seu consumo na economia local está sendo percebido melhor agora: desde que o presidente Andrés Pastrana declarou a guerra, há duas semanas, o movimento caiu 35%, segundo os negociantes.

Um motorista de táxi contou que muitos de seus colegas e caminhoneiros ganhavam dinheiro extra transportando pasta de coca (base para a produção de cocaína) de San Vicente del Caguán, sede das Farc nos últimos anos, até laboratórios clandestinos em Puerto Rico, no departamento de Huila. A guerrilha pagava US\$ 15 por quilo transportado.

— Antes, pelo menos, tínhamos o que comer e o dinheiro circulava. Havia paz. Agora estamos isolados, sitiados e com medo porque estamos percebendo que o Exército não consegue dominar as Farc — disse o dono de uma mercearia, desculpando-se por não se identificar, temendo represálias.

Além de cortar o transporte, as comunicações e a energia, as Farc têm usado o terrorismo psicológico. Há rumores de que carros-bombas serão explodidos em Florencia e de que o aqueduto local será envenenado. O governador Pablo Adriano Muñoz sente as mãos atadas. E diante disso não restou outra alternativa, como disse, a não ser a de "acender uma vela para Deus e outra para o diabo".

— Tenho implorado ao governo em Bogotá para criar um plano de emergência para nos socorrer, e ao mesmo tempo tenho pedido misericórdia e compaixão às Farc, para que cessem os ataques e permitam que nossos funcionários recuperem as linhas de energia e telefônicas, além de reconstruir as pontes — disse Muñoz.